

**O IMPACTO DAS VIVÊNCIAS NO CURSO DE LICENCIATURA
EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA – UFRGS
NA VIDA DAS ALUNAS/PROFESSORAS**

Maura Marques de Souza Nunes⁽¹⁾, Rosane Aragon de Nevado⁽²⁾

(1) Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica; aluna do curso de Especialização em Tutoria em Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: msnunes05@gmail.com

(2) Psicóloga; Doutora em Informática na Educação; Professor Adjunto da UFRGS; Orientadora, Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: rosane.aragon@gmail.com

RESUMO

O ingresso no curso de graduação de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade a distância da UFRGS, representa uma mudança expressiva na vida das alunas – professoras em exercício no Ensino Fundamental do RS, do estado e município. Desafios de diversas ordens apresentam-se nessa nova experiência, impondo-se a práticas e rotinas há tanto tempo incorporadas ao seu dia-a-dia. Através da análise das respostas dadas pelas alunas/professoras ao instrumento de pesquisa Questionário para avaliação do Desenvolvimento do PEAD - Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia – Modalidade a Distância, verificou-se, de maneira geral, que as experiências vividas no curso pelas alunas/professoras têm repercussões importantes na vida pessoal de cada uma delas, representando desafios de superação pessoal e novas adaptações, bem como em nível de suas interações, o que promoveu transformações e aprendizagens significativas em suas vidas.

Palavras-chave: Desafios. Transformações. Aprendizagens. Modalidade a Distância.

1. INTRODUÇÃO

*“Quem não se mexe não aprende nada.”
Michel Serres.*

Inicialmente, é importante contextualizar este artigo no Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia, a Distância – UFRGS/FACED (PEAD). Esta licenciatura em Pedagogia foi pensada com a finalidade de graduar, em nível superior, professores da rede pública estadual e municipal do Rio Grande do Sul, professores, estes, que estivessem em pleno exercício de suas atividades docentes nas séries iniciais do ensino fundamental. O curso, de nove semestres (213 créditos obrigatórios, destinados a atividades de discussão e atividades entre colegas, mediadas por professores, estágio supervisionado, conteúdos específicos e o TCC, e 07 créditos, envolvendo atividades complementares), conta com o trabalho não somente de professores, mas também de tutores, que desenvolvem suas atividades a distância (denominados *tutores da sede*) e presencialmente (denominados *tutores de pólo*). Estes últimos atendem em um dos cinco pólos localizados em escolas (pólos) com a infra-estrutura necessária para atender as demandas pedagógicas e tecnológicas de um aluno distante. Estes pólos se localizam em Três Cachoeiras, Alvorada, São Leopoldo, Gravataí e Sapiranga.

O curso, desenvolvido na modalidade a distância, conta com momentos presenciais no decorrer dos semestres, realizados nos pólos entre professores, tutores e alunos, para fins de organização do semestre e articulação de conteúdos e atividades. Também, tornam-se momentos através dos quais os vínculos desenvolvidos “a distância” se fortalecem, tanto entre colegas (que aqui serão denominados *alunos/professores*), quanto entre os alunos/professores e equipes de trabalho, e até mesmo com o próprio curso (Guia do Tutor, 2006).

Diante destas demandas, o curso lança mão de um sistema de orientação sustentado no trabalho em equipe, envolvendo professores e tutores em suas diversas funções (Guia do Tutor, 2006). É o trabalho em conjunto que viabiliza uma visão articulada e contextualizada do processo de aprendizagem de cada aluno, bem como a sustentação para outras articulações. Entre suas atividades no curso, os professores desenvolvem os conteúdos, responsabilizam-se pelas propostas de atividades teórico-práticas, definem critérios de avaliação e compartilham os retornos aos alunos com os tutores. Estes, por sua vez, têm formação específica na área da Educação, com especialização, mestrado ou doutorado, assim como capacitação continuada

no PEAD para que possam executar com propriedade suas atividades. Desenvolvem seu trabalho intervindo diretamente junto aos alunos e em suas tarefas – sob orientação do professor da interdisciplina – no sentido de acompanhá-los e orientá-los nas atividades propostas, incentivando também a interação na comunidade de aprendizagem e reflexão (NEVADO, CARVALHO; MENEZES, 2009). Desta forma, a comunicação e interação entre os componentes da equipe tornam-se fundamentais para o bom andamento dos trabalhos.

Norteados por uma organização didático-pedagógica baseada em interdisciplinas, que articulam os conhecimentos em cada semestre, o curso se desenvolve a partir de *eixos articuladores* para cada um dos semestres, com enfoques temáticos específicos a serem desenvolvidos pelas interdisciplinas. Desta maneira, o curso tem como objetivo primordial “Preparar o professor para a reflexão teórica (meta-reflexão) permanente e a recriação das práticas escolares ao ampliar o conhecimento e o pensamento sobre o fazer pedagógico” (Guia do Tutor, 2006, p. 20). A experiência docente de cada aluno/professor é altamente valorizada e colocada em pauta no desenvolvimento dos trabalhos e discussões. A apropriação teórica e meta-reflexão sobre o próprio *fazer* pedagógico se insere, neste percurso, como suporte às atividades que desenvolvem a tanto tempo, oferecendo segurança e elevação da estima, tão necessários a seu exercício profissional.

Nesse sentido, o curso se propõe a provocar transformações, não somente em nível profissional, mas também acadêmico e pessoal, pois instiga reflexões e metas abrangentes para que os alunos possam dar conta dos desafios que se apresentam no desenvolvimento dos trabalhos. O modelo metodológico que norteia o PEAD “é centrado em atividades teórico-práticas sistemáticas, realizadas pelos alunos a partir das propostas das interdisciplinas” (NEVADO, CARVALHO; MENEZES, 2009, p. 383). A partir disto, busca instigar a autonomia do aluno no que se refere à organização do tempo e iniciativa para os estudos, assim como a tomada de posicionamentos necessários nas suas relações – no trabalho e na família – tendo em vista o desenvolvimento de novas tarefas impostas pelo curso, aprendizagens e outras metas acadêmicas. Tais questões lançam um desafio ao aluno, que passa a olhar de outra forma a trajetória percorrida até o momento.

A partir das reflexões aqui compartilhadas, uma questão se evidencia: “quais repercussões do curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância – UFRGS/FACED na vida pessoal das alunas/professoras?”. Assim, este estudo teve como objetivo identificar os impactos que o curso teve na vida das alunas/professoras, analisando as mudanças que

ocorreram na vida pessoal desses estudantes.

A fim de sustentar teoricamente as idéias e análises aqui apresentados, são utilizados como referencial Jean Piaget e Paulo Freire, e especialmente dois autores que podem contribuir significativamente com suas idéias para compreensão e desenvolvimento das reflexões lançadas a diante, no que se refere às transformações que podem ocorrer na vida das alunas do curso. São eles Humberto Maturana, biólogo, trazendo uma compreensão do ser vivo a partir da Biologia do Conhecimento, e Michel Serres, filósofo, com a idéia de *outramento*.

2. TRANSFORMAÇÕES E APRENDIZAGENS – PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Michel Serres pensa o aprender como um processo de tornar-se *outro*, de *outramento*, no qual há um deslocamento de lugar do sujeito, para um outro, novo, estranho ao anterior. Aqui se vislumbra a idéia de mestiçagem de dois territórios, proposta pelo autor, constituindo um terceiro. Corte Real (2007), refletindo sobre tais idéias, refere que “a identidade e a alteridade constroem-se no processo de interação onde o sujeito percorre o caminho entre o nós e o *outro* e vai se descobrindo” (p.15). Ainda, que o autor convoca a pensar que o aprender está relacionado à produção de si, de uma identidade singular que se constitui no coletivo de acordo com as experiências vividas. Identidade e alteridade se constituem na interação. Entende-se alteridade como uma construção que compreende a existência do outro no mundo – assim, o sujeito conhece a si mesmo, e sobre a sua própria existência.

A partir das experiências vividas, ocorre então uma reconstrução, uma nova configuração que identifica o eu. Para que se dê a aprendizagem, é necessário abandonar o ninho e deslocar-se de um lugar conhecido, seguro, para um *outro*, desconhecido e estranho, sem sucumbir à estranheza. Para o sujeito, mesmo na inquietude, a esperança está presente. É necessário entregar-se ao desafio que se apresenta diante do novo, a fim de que possa se tornar *outro*, do qual o *eu* antigo faz parte, constituindo a nova paisagem.

Diante desse percurso, no processo de *outramento*, novas relações se configuram. Serres (s/d), de forma metafórica, argumenta que ninguém sabe nadar realmente “antes de ter atravessado sozinho um rio largo e impetuoso, ou um estreito, um braço de mar agitado” (p.21); há apenas um espaço numa piscina para se mergulhar em conjunto. Entende-se que a aprendizagem é um processo individual e coletivo, pois pode ser compartilhada com os

companheiros de percurso. O importante é nadar e mergulhar. Entregar-se ao desconhecido e experimentar é o que leva o ser humano a novas aprendizagens do outro lado do rio.

A figura do Arlequim, proposta pelo autor, representa com perfeição como se configura o humano. Arlequim traz consigo uma camada espessa de mantos de arlequim; há uma multiplicidade, o cruzamento das sucessivas camadas que o revelam e também o dissimulam (s/d). Experiências, aprendizagens e caminhos percorridos compõem o sujeito, representando marcas, revelando ou escondendo uma história que se configura numa paisagem singular, que identifica e diferencia cada ser. Chegando à outra margem do rio se aprende uma terceira coisa, chega-se a um terceiro lugar, e mais um retalho é agregado ao corpo, configurando uma composição única e bela por si só. Renascido, torna-se um *terceiro*, não mais somente o que *era*, nem somente o que *é* no novo lugar, mas um pouco dos dois, com novos significados compondo sua existência.

A aprendizagem consiste numa mestiçagem, retomando a idéia de Serres (s/d). O novo se junta ao velho e nasce aí um *outro*, o mestiço, chamado de *terceiro instruído*. O autor entende a saída da criança, da casa de seus pais, como um segundo nascimento: “Toda a aprendizagem exige essa viagem com o outro e com a alteridade, mas durante essa passagem muitas coisas se alteram” (p.59), e ainda “(...) toda pedagogia retoma o gerar e o nascimento de uma criança (...)” (p.60). Todo desafio que se apresenta no percurso, no viver, oferece oportunidades de crescimento, com riscos, dificuldades, mas também novas aprendizagens e transformação, possibilitando ao sujeito um renascimento numa outra versão de si, ampliada e mais colorida, que só acontece a quem se entrega à experiência.

Maturana e Varela (2002) caracterizam os seres vivos por produzirem continuamente a si próprios, pois se configuram no que chama de *organização autopoietica* – se autoproduzem interagindo com o meio, por isso é um ser autônomo, mas também se diferenciando em sua dinâmica. Com isto, entende-se que, na compreensão dos autores, todo ser humano é semelhante por sua organização característica (autonomia), mas se diferencia nesse processo de autoprodução, a partir das especificidades advindas de sua história e das experiências vividas. Ele depende sim do meio (é parte dele, não separado) e das relações que se constituem (compartilha sua existência com outros), mas deve ser ativo em sua existência. É na interação com o meio que o ser vivo constrói o mundo e é construído por ele – o que implica em assumir responsabilidades por suas próprias ações (tem participação ativa na construção do mundo). Ação e experiência são inseparáveis, pois os seres vivos “Aprendem

vivendo e vivem aprendendo” (Humberto Mariotti in MATURANA; VARELA, 2002, p.12).

A autonomia é uma questão importante a ser pensada, especialmente na trajetória do aluno distante. Freire (1999) ressalta que “a autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas (p. 120)”, ou seja, é através das experiências vividas e de certas escolhas que a autonomia se configura. Isso significa que ela se funda nas responsabilidades que vão sendo assumidas, a partir da ciência das regras necessárias à caminhada e da vivência no coletivo, diferenciando-se do outro e considerando outros pontos de vista. Para Piaget (1977) a autonomia é construída a partir das relações de respeito mútuo e só é conquistada a partir da cooperação, ou seja, da “operação” em conjunto. As regras, portanto, estão internalizadas, e o sujeito toma suas próprias decisões.

Esta é a possibilidade de cooperação que se instaura com a construção da reversibilidade da ação. Na autonomia as regras aparecem como resultado de uma decisão que deve ser respeitada na medida em que foram coletivamente tomadas. A regra é decorrência do respeito mútuo. Somente na medida em que o sujeito é capaz de descentrar de seu ponto de vista, colocando-se no lugar do *outro*, armando uma possibilidade de cooperação – operar com – que seu agir pode ser autônomo (CORTE REAL, 2007, p.30).

É na interação com o meio, com o outro (convivência) que o ser humano se transforma (aprende). No ponto de vista de Maturana, essa transformação ocorre em sua totalidade (em todo o organismo, incluindo o sistema nervoso) – corporal, cognitiva e afetivamente. Isso significa que também é possível observar a forma como um indivíduo pensa e sente através de suas ações, ou seja, na forma como ele se expressa fisicamente. Corte Real (2007), pensando o autor, salienta que é o viver, o experienciar a vida que possibilita a aprendizagem – através das mudanças no conviver o ser humano se transforma e aprende. Neste momento, as idéias do autor contribuem para a compreensão da aprendizagem:

aprendizagem é o caminho da mudança estrutural que segue o organismo (incluindo seu sistema nervoso) em congruência com as mudanças estruturais do meio como resultado da recíproca seleção estrutural que se produz entre ele e este, durante a recorrência de suas interações, com conservação de suas

respectivas identidades (1998, p 32).

A partir do pensamento sistêmico de Maturana no que se refere à evolução dos seres vivos, “Interagimos, nos transformamos e os mundos se transformam. Neste sentido, somos responsáveis pelo futuro de nosso planeta, de nossas relações interpessoais, da educação de nossos filhos” (CORTE REAL, 2007, p.35). A transformação de um indivíduo, portanto, repercute na transformação dos demais que fazem parte de sua convivência.

Ainda no que se refere à aprendizagem, o autor sustenta que quando alguém aprende algo, aprende em uma rede de conversações. Tudo o que é humano se constitui pelo conversar, no entrelaçamento do *linguagear* e do *emocionar* (linguagem e emoção). São as emoções que definem o espaço relacional onde ocorrem as ações. Se uma pessoa se movimenta a partir da frustração ou da confiança, daquela forma será seu jeito de viver e conviver. Um gesto, uma fala, terá um ou outro caráter, conforme a emoção que o originou. Sendo a cultura uma rede fechada de conversação, as emoções estão atravessadas por ela (Humanitates, s/d).

O amor é o que funda o social, e é a partir daí que se fundam os domínios das ações. Sem a aceitação do outro como legítimo, na convivência, não há fenômeno social – nem todas as relações humanas são sociais. Esta aceitação envolve respeito, cooperação, aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser. O autor ressalta, no entanto, que só é possível aceitar e respeitar o outro em um espaço de convivência a partir da aceitação e do respeito por si mesmo. Surge, então, a responsabilidade, entendendo que toda a ação (coordenada pela emoção) tem conseqüências na vida de outros seres humanos; envolve ética e compreensão dos próprios desejos, o que fala de uma postura reflexiva no viver (MATURANA, 2002).

Aceitar o outro como legítimo significa deixar o outro “ser”, independente de nossa verdade, diferentemente de nós. É aceitar o outro com sua verdade, que tem relação com a sua história. Não há verdade absoluta, equivoco, ou acesso privilegiado à realidade, mas sim realidades distintas que se configuram no viver, e que, lógica e naturalmente, não agradam a todos. Isso é o que o autor chama de *aprendizagem amorosa*, na qual as relações são baseadas no amor, o que inclui a aceitação do outro como diferente. Corte Real (2007, p.43) complementa que “Não estamos falando aqui de um sentimento individual, mas sim de um modo de relação (...) De uma ética da aceitação da diferença (...) marcas que nos diferem do *outro*, como, por exemplo, a raça, a cor, a religião, o nível sócio-econômico, as vivências culturais (...)”. Todo ser humano tem suas características, sua história e especificidades. Não é

necessário gostar dessa ou daquela diferença (a partir de um ponto de vista particular), muito menos negá-la ou depreciá-la, mas sim, aceitá-la e respeitá-la, reconhecê-la como legítima em sua existência.

3. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Este é um estudo qualitativo, de levantamento e análise das respostas dadas ao instrumento de pesquisa Questionário para avaliação do Desenvolvimento do PEAD - Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia – Modalidade a Distância. Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento do trabalho foram os Questionários para avaliação do Desenvolvimento do PEAD - Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia – Modalidade a Distância, aplicados através do sistema eletrônico SQG - Sistema Gestor de Questionários, enviado para as listas de discussão dos alunos dos cinco pólos. Foram aplicados ao todo 4 (quatro) questionários: 1 questionário referente ao Eixo Temático I (2006/2); 1 (um) questionário referente aos Eixos Temáticos II e III (2007/1 e 2007/2); 1 questionário referente ao Eixo Temático IV (2008/1); 1 questionário referente ao Eixo Temático VI (2009/1). Também serão utilizados os registros dos blogs das alunas/professoras do PEAD para auxiliar na análise dos dados aqui apresentados.

Os Questionários para avaliação do Desenvolvimento do PEAD foram aplicados com o objetivo de avaliar as condições de funcionamento do curso com relação ao desenvolvimento dos nos respectivos eixos articuladores. Eles compreendem diversas questões, que são agrupadas em itens abrangentes: G1 – *Identificação*, G2 – *Condições pessoais de acesso*, G3 – *Funcionamento do pólo*, G4 – *Desenvolvimento do curso* e G5 – *Outras questões complementares* (não obrigatórias) às quais os alunos podem oferecer *sugestões* e *fazer comentários*.

Foram consideradas, no entanto, para levantamento de dados e análise, as respostas dadas aos Questionários aplicados às alunas/professoras dos pólos de Alvorada, Gravataí, Sapiranga, São Leopoldo e Três Cachoeiras nos eixos articuladores II e III (2007/1 e 2007/2 – um instrumento para os dois semestres), VI (2009/1). Desta forma, foram considerados para esta análise o segundo questionário aplicado no curso e o penúltimo questionário do ano de 2009, a fim de verificar a repercussão do curso na vida pessoal das alunas tendo como base o início e a etapa final do curso. Foi considerada a seguinte questão geral, aberta e de resposta não-obrigatória.

G5 – Questões complementares, comentários e sugestões

1. Mencione pelo menos uma mudança em sua vida pessoal originada pelo curso.
-

4. ANÁLISE

O aluno aqui apresentado é um sujeito de relações, que está inserido em um contexto social, cultural e econômico, tem uma história e um ritmo de vida próprio, tem seu trabalho, bem como uma família sobre a qual tem responsabilidades, independentemente do papel assumido. É um sujeito que influencia e é influenciado pelo contexto em que vive, seja este qual for – escola, trabalho, família, entre outros. Entende-se, dessa forma, que a transformação que ocorre na vida destes alunos/professores, a partir de suas vivências e aprendizagens no curso – interações – transcende o nível profissional e acadêmico – onde se dá a aplicação direta dos conhecimentos adquiridos – indo além das portas das salas de aula nas quais se exercitam como docentes. O aluno/professor, então, torna-se *outro* a partir das relações que se constituem *no* e *com* o curso, e novas relações se estabelecem a partir daí, pois o sujeito se modificou. Seguem algumas constatações e reflexões a partir dos quais serão compartilhadas as experiências e sentimentos registrados por algumas alunas do curso, em seus Blogs. Seus nomes foram abreviados, seguidos do nome e data da postagem.

Através da questão geral mencionada anteriormente, ao final dos trabalhos do ano de 2007, solicitou-se às alunas/professoras que indicassem as mudanças percebidas em sua vida pessoal, decorrentes das atividades do Curso. O resultado obtido é apresentado no Quadro 1. É importante ressaltar que as Indicações correspondem ao número de respostas dadas, não ao número de respondentes, as quais foram categorizadas e agrupadas para sua apresentação. De 409 respostas agregadas, evidenciam-se as três primeiras (que totalizam 212) – analisadas a seguir – ou seja, 53% das respostas identificam como o maior desafio neste período está relacionado à *superação pessoal*. É um momento de superação e adaptação – leituras, organização do tempo, valorização de suas coisas. A tecnologia se impõe como uma dificuldade a ser superada.

QUADRO 1 – Principais mudanças na vida pessoal – eixos II e III (2007/1 e 2007/2)

Mudança	Indicações	Porcentagem de respostas
1. Melhor organização do tempo para conciliar afazeres	92	23%
2. Mais auto-estima e autoconfiança	69	18%

3. Lidar com as tecnologias de forma autônoma e uso social (inclusão digital)	51	12%
4. Aumento da capacidade de compreensão das leituras, mais cultura, mais conhecimento	33	8%
5. Desacomodação, disciplina, aperfeiçoamento	27	7%
6. Mais participação nos processos interindividuais, mais comunicação	26	6%
7. Uso dos novos conhecimentos na educação dos filhos e outras situações do dia-a-dia	19	5%
8. Maior comprometimento	18	4%
8. Mudanças no "olhar o mundo", observação de detalhes, da beleza etc	18	4%
9. Mudança na rotina doméstica, redução do tempo para a família	17	4%
10. Mais autonomia e segurança nas opiniões	16	4%
11. Mais força e coragem para enfrentar os desafios	13	3%
12. Maior compreensão dos erros (seus e dos outros)/ maior tolerância	10	2%

No ano de 2007, os alunos cursavam segundo e terceiro semestre de curso, em plena adaptação ao desafio que se apresentava em suas vidas. Habitados a sua rotina de trabalho nas escolas, e também familiar, agora havia algo novo que se apresentava na trajetória de cada um deles. Estavam dando continuidade aos estudos, em busca de qualificação, depois de tanto tempo, na maioria deles, afastados da sala de aula, ocupando, agora, o outro lado das classes – o outro lado do rio, retomando a metáfora de Serres.

As interdisciplinas vigentes nesse período eram Escolarização, Espaço e Tempo na Perspectiva Histórica, Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia I, Fundamentos de Alfabetização (eixo 2 – segundo semestre); Artes Visuais, Literatura e Aprendizagem, Ludicidade, Música e Teatro na Educação (eixo 3 – terceiro semestre). A interdisciplina de Seminário Integrador ocorre durante o ano todo, acompanhando de perto, nesse momento, a adaptação no curso, iniciação e apropriação tecnológica dos alunos.

A maioria dos alunos/professores do curso de Licenciatura em Pedagogia - PEAD trabalha na rede pública, municipal ou estadual, seja em sala de aula, ou em setor administrativo, ou mesmo conciliando ambas as atividades, durante o período de 40 ou 60 horas semanais. Isso significa que ocupam de dois a três turnos diários com suas atividades na escola, ou em escolas diversas. O tempo dedicado aos estudos para o PEAD fica restrito ao período entre-turnos, após as 23h, madrugadas e finais de semana, transitando, portanto, entre atividades profissionais, tarefas domésticas e estudantis. No início do curso, a média de idade das alunas/professoras – público eminentemente feminino – estava em torno dos 36 anos de idade, ou superior, com uma experiência no magistério distribuída predominantemente entre

5, 10 e 15 anos de trabalho docente. A maioria delas tem família nuclear, com filhos pequenos ou adolescentes (NEVADO, CARVALHO; MENEZES, 2009). A aluna C. faz um registro muito peculiar e interessante em seu Blog, ao qual é possível relacionar a resposta mais indicada, apresentada no Quadro 1, sobre a “necessidade de uma melhor organização do tempo para conciliar afazeres” (23%).

“Está sendo tudo tão corrido no curso, muitas atividades juntas. Sei que ao final de tudo vai valer a pena. Mas conseguir conciliar as atividades do Pead, trabalho e filho é desgastante, exige muito de mim. Tivemos um tempinho fora das salas de aulas mas este tempo foi muito curto para colocar todas as atividades em dia.” (C. – Atarefada – 29/07/2007).

Novas responsabilidades, novas demandas, organizar-se com o tempo, estabelecer limites entre uma atividade e outra, organizar-se em seu papel familiar e, ainda, a oportunidade experimentar um curso de graduação desenvolvido a distância. Como movimentar-se em um lugar estranho e novo, e fazer valer à pena, aprender? Serres (s/d) ressalta que é necessário abandonar o ninho e deslocar-se de um lugar conhecido, para um outro, desconhecido, sem sucumbir à estranheza.

A necessidade do exercício da autonomia emerge e, conforme Freire (1999) é na experiência da tomada de decisões que ela se constitui. Maturana e Varela (2002) situam a autonomia como característica nos seres vivos, pois se autoproduzem continuamente interagindo com o meio.

A partir deste período, então, teriam de lidar agora com o uso da tecnologia e com o virtual, o que não fazia parte do cotidiano da maioria dos alunos. Entrar na *internet*, utilizar correio eletrônico, construir blogs, *pbworks*, participar de fóruns e listas de discussão, acessar a plataforma de aprendizagem (*rooda*) com os materiais disponibilizados, dissertar em atividades online eram desafios que se agregavam ao novo lugar ocupado – agora eram alunos/professores, a distância. Na postagem da aluna J., é possível perceber vivências que exemplificam os desafios propostos nas outras duas respostas mais indicadas, apresentadas no Quadro 1, referentes ao “aumento da auto-estima e autoconfiança” (18%) e a “necessidade de lidar com novidade que representava o uso das tecnologias” (12%). Associados a essas questões, outros aspectos chamam atenção na pesquisa: os alunos/professores passam a se interessar mais pela busca do conhecimento, a comprometerem-se mais e a perceberem a aplicabilidade dos conhecimentos que vem adquirindo, em suas vidas, entre outros.

“Ao tomar conhecimento do PEAD senti que seria a minha grande chance. Tive dúvidas se conseguiria passar pela barreira do vestibular. Vitória! Maravilha! No primeiro dia de aula, estava sentindo-me o máximo, no segundo aterrorizada..., wiki, blog, gmail, tecnologia avançada demais. Passado o susto inicial, estou mais familiarizada com tudo isto e até posso dizer que estou achando estas palavrinhas bem lindinhas. Sei que ainda estou tateando nesta área, mas estou acreditando mais em mim e tenho certeza que logo me tornarei uma grande ou quem sabe média internauta. Tenho grandes expectativas em relação a este curso. Até breve!” (J. - Estou mais tranqüila – 16/04/2007)

Os desafios se apresentam e um novo *eu* começa a ser vislumbrado com as novas aprendizagens. O aprender, sustenta Serres (s/d), está relacionado à produção de si. A partir das experiências vividas ocorre uma reconstrução, uma nova configuração que identifica o *eu*. É possível perceber no registro da aluna a valorização da oportunidade que se apresenta, mas também o temor diante do novo, misturados à confiança e à esperança que começa a nascer na experiência. Refletindo a partir das idéias de Serres, para o sujeito, mesmo na inquietude, a esperança está presente. É necessário entregar-se ao desafio que se apresenta diante do novo, a fim de que possa tornar-se *outro*, do qual o *eu* antigo faz parte. Ninguém sabe nadar realmente antes de ter atravessado sozinho um rio largo e impetuoso.

“Nestes últimos dias, os sentimentos foram os mais variados possíveis: felicidade, desespero, aflição, angústia, ansiedade,... hoje parei, refleti muito. Concluí que antes de mais nada, precisarei de paciência. Só se consegue chegar no alto de uma escadaria, subindo um a um os degraus...tem pessoas que sobem de dois em dois degraus, tudo bem...mas com 5.2 neste corpinho, de um em um é mais prudente! Guardei o desespero em uma caixa e lacrei, a aflição e a angústia foram contidas dentro de uma mala chaveada, joguei a chave fora só para garantir, quanto a ansiedade escondeu-se rapidamente embaixo do meu travesseiro, fiz que não a vi. Espero que amanhã ao sair para a escola, não me acompanhe. Vou dormir um pouco e estender minha rede, talvez consiga apanhar muitas "esperançazinhas" coloridas e faceiras e guardá-las rapidinho para serem minhas companheiras nestes 1.460 dias que me separam da minha formatura.” (J. - Um passo de cada vez – 18/04/2007)

O registro a seguir representa de forma preciosa o ano de 2007 experienciado pelas alunas/professoras, no qual houve um grande desafio, mas também esteve presente o *dar-se conta* das responsabilidades de construir o seu percurso e que, para isso era necessário “mergulhar” na experiência. A transformação se vislumbra; eis a sensação de renascimento.

Entregar-se ao desconhecido e experienciar é o que leva o ser humano a novas aprendizagens do outro lado do rio.

“Apesar do cansaço que estou sentindo nestes últimos dias, estou imensamente feliz por estar aqui, neste espaço virtual, fazendo parte desta turma tão simpática e solícita. Sempre lutei muito para alcançar meus objetivos e, por mais que demore a alcançá-los, consigo chegar lá. Não sou mais uma menina, longe disto, mas hoje se alguém me perguntasse qual minha idade poderia dizer, tranquilamente, 18 e estou só começando. Parabéns para mim e para todos que assim como eu, acreditam que é sempre hora de recomeçar. Chegaremos lá certamente. Tenho certeza que este curso muito me acrescentará, me trará visões diferenciadas dentro da educação o que beneficiará meu trabalho e a minha vida pessoal também. O caminho não será fácil, será necessário persistência e muito trabalho mas sei que a recompensa virá. Um grande abraço. (J. – Apresentação – 12/04/2007)

Diante disso, lembrando Serres, toda pedagogia retoma o nascimento de uma criança. Em todo desafio há riscos e dificuldades, mas também possibilidade de transformação, proporcionando ao sujeito um renascimento numa outra versão de si, que só acontece a quem se entrega à experiência. Os seres vivos “Aprendem vivendo e vivem aprendendo” (Humberto Mariotti in MATURANA; VARELA, 2002, p.12), ou seja, constroem o mundo e são construídos por ele assumindo as responsabilidades por suas próprias ações.

Já ao final dos trabalhos do primeiro semestre do ano de 2009 (sexto, dos dez semestres que compõe o curso), ao solicitar a mesma questão mencionada, é possível constatar um resultado diverso, apresentado no Quadro 2. De 235 respostas agregadas, evidenciam-se as três primeiras (totalizadas em 133), discutidas a diante, ou seja, 58% das respostas identificam como o maior desafio aos alunos, neste período, as *relações*. As questões *tempo e tecnologia* já não são mais prioritárias. É um momento de reavaliação de posturas – inclusão, revisão dos relacionamentos, de olhar as pessoas de outra forma.

QUADRO 2 – Principais mudanças na vida pessoal – eixos VI (2009/1)

Mudança	Indicações	Porcentagem de respostas
1. Compreensão e aprendizagem com relação às diferenças (necessidades especiais e questões étnico-raciais), novo olhar sobre a inclusão.	65	29%

2. Mais reflexão sobre a própria vida, autoconhecimento, reavaliação de posturas e compreensão com relação às pessoas.	36	15%
3. Aumento da auto-estima, mais autoconfiança e superação das dificuldades.	32	14%
4. Reorganização do tempo.	24	10%
5. Maior embasamento teórico e mais atenção para leitura e pesquisa.	19	8%
6. Melhoria no relacionamento interpessoal, maior tolerância e compreensão.	15	6%
7. Compreensão dos estádios de desenvolvimento.	10	4%
7. Maior utilização das tecnologias.	10	4%
8. Mudança na vida pessoal e familiar	08	3%
9. Mais felicidade; realização pessoal.	06	3%
10. Redução do tempo para a família.	05	2%
11. Mais importância à argumentação.	03	1%
12. Percepção sobre a importância de apoiar o aluno.	02	1%

No primeiro semestre do ano de 2009, os alunos estavam no sexto semestre do curso. No início do ano seguinte estariam realizando seus estágios docentes e, no final, passando pela formatura, ou seja, a idéia do término de um percurso começava a se fazer presente. Nesse momento, são alunas experientes nas práticas acadêmicas, encaminhando-se para o final do curso. Reconhecem-se como alunas de uma graduação que tem contribuído de forma significativa para seu exercício profissional, e que tem possibilitado um novo modo de estar em sala de aula enquanto docentes, bem como em suas vidas pessoais e relações. Tem vínculos bem constituídos no curso e uma nova relação com o conhecimento, o que fez com que olhassem em outras direções, antes desconhecidas.

As interdisciplinas vigentes durante o Eixo VI eram Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia II, Educação de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais, Filosofia da Educação e Questões Étnico-Raciais na Educação; Sociologia e História. A interdisciplina do Seminário Integrador, como nos demais semestres, estava acompanhando o percurso das alunas, trabalhando além das questões tecnológicas, conteúdos importantes para as práticas acadêmicas e profissionais das alunas.

O foco desse semestre, portanto, era a Docência e os Processos Educacionais Inclusivos. A essa altura do curso, as alunas/professoras já atravessaram muitos desafios, entre eles, especialmente de convivência, com trabalhos em grupo realizados a distância, discussões, enfrentamento de pontos de vista diversos, entre outros. Os processos de aprendizagem também foram alvo de estudo, lançando os alunos/professores em um exercício

constante de observar seus alunos de forma mais atenta e aprofundada, como sujeitos com características próprias, com histórias de vida diversas e provenientes de um contexto familiar e cultural.

A resposta mais indicada no Quadro 2 referente à “compreensão e aprendizagem com relação às diferenças e novo olhar sobre a inclusão” (29%), sinaliza de forma expressiva a repercussão das vivências e do momento das alunas/professoras no respectivo semestre do curso.

Maturana ressalta que é na convivência que o ser humano se transforma e aprende e que são as emoções que definem o espaço relacional em ocorrem as ações. Transformados a partir das interações no curso e das aprendizagens ocorridas, o aluno/professor passa a reavaliar sua relação com o meio, e uma nova forma de agir sobre ele e um novo jeito de conviver se configura. Retomando a idéia do autor (2002), essa transformação ocorre corporal, cognitiva e afetivamente. Desenvolvem-se então, relações baseadas no amor (aprendizagem amorosa), nas quais o outro é aceito como legítimo, nas suas diferenças, o que significa uma maior “compreensão com relação às pessoas” – movimento até o outro a partir da compreensão – conforme pontuam as próprias alunas/professoras, na pesquisa. O *outro* passa a ser visto como parceiro de jornada, e todos fazem parte do mundo.

“Todos somos especiais, o que difere são as ações de cada um. Diariamente nos deparamos com algumas situações em que a primeira reação é a de achar que não conseguiremos resolver. Daí vem o desespero e o sentimento de: Por que comigo? Aos poucos, e às vezes é muito aos poucos, vamos encarando a situação como um desafio que temos que enfrentar, para nosso amadurecimento e conseqüentemente o aprendizado. (...) Ninguém é suficientemente completo sem o apoio, amor, carinho, atenção e dedicação de outros.(...)Somos peças de um quebra-cabeça gigante, em que NUNCA se chegará ao final da montagem, a cada novo encaixe surgem novas expectativas e esperanças.(...) O caminho mais seguro, apesar dos tropeços, ainda é o chamado de AMOR.” (K. – Especiais... – Apresentação – 14/04/09)

A partir dos exercícios de convivência proporcionados pelo curso e de um novo olhar lançado ao outro, um novo olhar é lançado a si mesmo, proporcionando uma “maior reflexão sobre a própria vida, reavaliação de posturas e compreensão com relação às pessoas”. Estas questões caracterizam-se como mudanças em destaque relatadas pelas alunas/professoras, conforme apresenta o Quadro 2, totalizando 15% das indicações. Há uma reavaliação de

postura com relação a si mesmo e às pessoas.

“(...) Para cada fase de minha vida um desafio foi lançado, objetivos foram alcançados e muitas novas aprendizagens conquistadas. Se pudesse voltar atrás certamente muita coisa faria diferente, mas é preciso fazer dos erros novos acertos, para isso é fundamental reconhecer, refletir e buscar mudanças. (...) Aceitar críticas, trabalhar em grupo, respeitar as diferenças, tolerar mais, interagir e fazer prioridades na vida são algumas dessas mudanças que fazem bem particularmente e profissionalmente. (...) Atualmente discutimos com mais naturalidade sobre problemas raciais, etnias, trocamos experiências sobre tecnologia e inclusão. Se o preconceito existe é porque primeiro surgiram os preconceituosos, temos muito a aprender e muita interação para realizar, como diz o ditado: “não julgue um livro pela capa. Aprenda primeiro a ler o que tem dentro.” (J. – Minhas aprendizagens – 29/04/09)

Assim, outras posturas e lugares são demandados no percurso – não somente no curso, mas na vida em sua totalidade – e, assim como há uma maior preocupação com relação ao outro e suas relações, há também certa preocupação de como se apresentar perante o outro. Ao incluir e aceitar o *outro*, de forma diferente, mais flexível, nas suas relações, surge também a necessidade de sentir-se incluído e aceito. A postagem da aluna J., em seu Blog, ilustra muito bem, em suas vivências no curso, esses aspectos.

“Um novo desafio é responsável por algumas noites mal dormidas: ser mediadora em fórum composto por colegas de curso. (...) a responsabilidade é grande, pois mediar as discussões que serão realizadas pressupõe um grande conhecimento a respeito (...) (J – Novo Desafio – 07/09/2009). Na postagem anterior expus toda minha ansiedade, angústia, insônia, taquicardia (...). Pois bem, ela (a atividade) iniciou e eu mesmo relutante, deixei de lado minha insegurança e me lancei de corpo e alma. (...) O que me assustava mesmo era a receptividade dos colegas do meu grupo. Como reagiriam tendo a mim como mediadora, papel que até agora foi de professores e tutores? (...)” (J. - Pré-ocupação – 12/09/2009).

Ao interagir, Corte Real (2007) ressalta, o ser humano se transforma e transforma o mundo. Responsabilidade é ter a noção dessa participação ativa no mundo e de que toda a ação tem conseqüências na vida dos outros seres humanos – envolve ética e compreensão dos próprios desejos, ou seja, uma postura reflexiva no viver (Maturana, 2002).

O aluno/professor, então, está num momento em que passa a se posicionar diante das

demandas do curso, a fazer escolhas, a desenvolver uma organização pessoal para as tarefas a serem realizadas e a ter iniciativa para buscar auxílio as suas dúvidas e dificuldades, compartilhar idéias, buscar novos conhecimentos. Isso traça um posicionamento subjetivo com relação ao próprio processo de aprendizagem e lugar no grupo, no coletivo. Conforme diz Serres “quem não se mexe não aprende nada”. Desta forma, se apresenta como mudança pessoal – 14% das indicações no Quadro 2 – o “aumento da auto-estima, autoconfiança e superação das dificuldades”.

Serres (s/d) diz que ninguém sabe nadar realmente antes de ter atravessado sozinho um rio largo ou um estreito, onde sempre há um pequeno “espaço numa piscina para se mergulhar em conjunto”. As relações e interações se apresentam como fundamentais para o processo de aprendizagem do sujeito. O importante é mergulhar no viver e enfrentar os desafios e buscar a superação das dificuldades.

“(...) Depois de tantas emoções quero agradecer a todas e a todos os colegas que colaboraram na construção destes projetos (escrita após apresentação no salão de iniciação científica da UFRGS do Projeto de Aprendizagem desenvolvido em grupo, na interdisciplina de Psicologia II, no PEAD). Inclusive aqueles que mesmo a distância fizeram sua parte com mensagens de incentivo e CORAGEM! (...) Muito Obrigada também às professoras e tutoras da UFRGS e do Pólo de Alvorada, que proporcionaram este momento especial! E a professora L. que acreditou em nós e não economizou noites e finais de semana na construção de nossos relatos, aliás, colaboração/cooperação e InterAÇÃO não faltaram! (...) (R. – EDUCADOR Educa a dor – 02/06/09)

Relacionadas às mudanças indicadas, outras há de se mencionar. Melhorias nos relacionamentos, mudanças na vida pessoal, mais felicidade, olhar de forma mais cuidadosa o outro se tornam também conquistas, mudanças expressivas após um semestre tão intenso de estudo e experiências, conforme é possível observar no Quadro 2. Porque não pensar também, após seis semestres no curso de graduação na UFRGS.

“Iniciei o semestre cheia de energia, tenho que fazer vários pit stop para chegar na bandeira quadriculada, ufaaaaa....tenho certeza que consigo, tenho força !!!!!!(...)40 horas de sala de aula(...)Iniciei dia 17, um curso a distância (...)E claro que não podia me esquecer do que me estimulou a gostar, invadir a internet de maneira diferente (...) o PEAD, sem ele não teria este mundo virtual tão nas minhas mãos como hoje. (...) Bom, meu relato tá muito bom, mas pelo que deu pra perceber, não posso marcar bobeira, até porque ainda tenho que

comer, namorar, curtir o filho, estudar e dormir um pouco né?! Mas tem um lado positivo em toda essa correria, claro que tem que ter né??? Vou acrescentar muito na minha vida, pois são coisas diferentes e ao mesmo tempo tão iguais.” (K.– Estudar...Estudar...Estudar...– 31/08/09).

Percebe-se, ao final desta análise, que houve um amadurecimento das alunas/professoras no decorrer do curso. De desafios pessoais a relacionais, as questões por elas indicadas sinalizaram as transformações desse percurso, proporcionando aprendizagens por elas mesmas evidenciadas em seus blogs.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões aqui apresentadas, fica evidente que a evolução em nível pessoal apresentada pelas alunas/professoras no decorrer desses anos de estudo somente tornou-se possível porque aconteceu no contexto de um curso que se propôs a promover transformações e, mais do que isso, que ofereceu desafios para que tais transformações acontecessem. Desta maneira, foi possível observar uma dialética entre os momentos do curso e o desenvolvimento pessoal das alunas/professoras.

Inicialmente a necessidade do uso da tecnologia se apresentou como um grande obstáculo a ser ultrapassado para que pudessem desenvolver seus estudos. A maioria delas sem computador, ou mesmo sem ter um email pessoal, estava diante de um grande desafio, *superar-se*. As disciplinas durante o ano de 2007, que versavam sobre o tempo numa perspectiva histórica e sobre aprendizagem, também sobre o lúdico e as artes, passaram a proporcionar reflexões às alunas/professoras sobre o próprio processo de aprendizagem e sobre construções antigas de conceitos que norteavam seu trabalho até o momento. Ocupavam, depois de tanto tempo, o outro lado da classe, lugar novamente desconhecido. Outras atividades se atravessaram na sua rotina, fazendo-se necessária autoconfiança, organização pessoal, reconhecimento de dificuldades ou lacunas de aprendizagem, para enfim enfrentarem e superarem os desafios.

Nesse percurso, então, encontraram-se consigo mesmas e, nesse encontro singular, encontraram-se com o *outro*. Descobriram-se nas relações de cooperação, na cumplicidade do compartilhar de um momento de vida. Na parceria de jornada, reconheceram-se na diversidade de comportamentos e pensamentos e, na medida em que lançaram um novo olhar mais terno e flexível para si mesmas, olharam com amor para seu semelhante – o sentimento é

de conciliar, não apartar. As interdisciplinas, neste momento do curso (2009/1), inspiraram um novo jeito de se relacionar, que transbordou o contexto acadêmico. Discutiram sobre necessidades educacionais especiais, questões-étnico raciais, sociologia, filosofia da educação e, ainda, desenvolvimento e aprendizagem na psicologia, proporcionando reflexões sobre as diferenças, superação de dificuldades e uma reavaliação de posturas.

Esse novo lugar ocupado certamente faz toda a diferença, não somente no exercício docente das alunas/professoras, mas também em todas as suas relações interpessoais, pois o desafio estava focado nas suas *interações*. Ao mergulhar na experiência as alunas/professoras perceberam que não estavam sozinhas, e que seu desenvolvimento estava (está) invariavelmente ligado ao desenvolvimento dos seus colegas e, ainda, de seus alunos. O outro é legitimado na sua diferença e todos aprendem juntos.

Desta maneira, ao final do curso, as comunidades de trabalho estão mais estabelecidas. As aprendizagens e transformações na vida das alunas/professoras ocorreram e ainda ocorrem a partir das experiências vividas, experiências estas atravessadas pelas interações e relações constituídas ao longo do curso, nas quais cada uma delas participa ativamente. Tudo está transformado agora.

6. REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marie Jane Soares, NEVADO, Rosane Aragon de, BORDAS, Mérion Campos. **Guia do Tutor**. UFRGS/FAGED: 2006. 88 p. Disponível em: <http://pead.faced.ufrgs.br/sites/informacoes/guias_impresos/guia_do_tutor.pdf> Acesso em: 30 de set de 2009.

NEVADO, Rosane. Aragon de, CARVALHO, Marie Jane Soares, MENEZES, Crediné Silva de. **Inovações na Formação de Professores na Modalidade a Distância**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.2, p.373-393, jun. 2009.

Entrevista com Humberto Maturana. **Humanitates**. s/d. Disponível em: <<http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm>> Acesso em: 05 de fev de 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 38. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2008. 148 p.

CORTE REAL, Luciane. **Aprendizagem Amorosa na Interface Escola – Projeto de Aprendizagem e Tecnologia Digital**. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MATURANA, Humberto. **Da Biologia à Psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

PIAGET, Jean. (1977). **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou.

SERRES, Michel. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, sem data.